

REVISTA REDAÇÃO

17/08/2014 - Ed. 33

Eduardo Campos, *um homem e o seu tempo*

EUMANO SILVA

“

EU QUERO
REPRESENTAR O SEU
SONHO E SEU DESEJO DE
UM BRASIL MELHOR.
É PRECISO CORAGEM
PRA MUDAR.

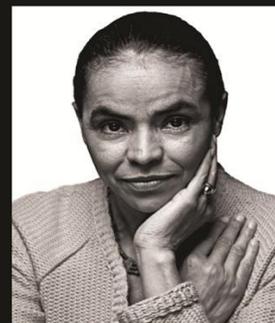
” EDUARDO CAMPOS

Jornal Nacional, 12/08/14



Lucas Rocha

Ele construiu uma nova forma de fazer política, virou o governador mais popular do Brasil e preparava-se para consolidar seu maior projeto



Marina Silva e a sucessão

Eduardo Campos, um homem e o seu tempo (EUMANO SILVA)

Ele construiu uma nova forma de fazer política, virou o governador mais popular do Brasil e preparava-se para consolidar seu maior projeto



O DESEMBARQUE em 1976 de Ana Lúcia Arraes, acompanhada pelos filhos Eduardo e Antônio, no aeroporto de Dar El Beid, em Argel, teve grande significado para uma das famílias mais simbólicas na luta contra a ditadura brasileira. Filha mais velha do ex-governador de Pernambuco Miguel Arraes, Ana Lúcia chegou à capital da Argélia para rever o pai – a quem não encontrava havia mais de uma década – e, principalmente, para que os meninos conhecessem o avô.

Exilado no norte da África desde 1965, o homem deposto do Palácio das Princesas vivia longe dos netos, nascidos em Recife depois de sua partida forçada para o país mediterrâneo. Os 14 anos passados no Exterior deixaram marcas profundas nos integrantes do clã nordestino, mas as amarguras do degredo foram insuficientes para quebrar a liderança exercida por eles na política pernambucana. A viagem a Argel ficou marcada por ter sido o primeiro encontro de Miguel Arraes com o neto, que se tornou seu herdeiro. Começava a ser forjada ali uma das principais lideranças políticas do País.



Eduardo Henrique Accioly Campos nasceu menos de dois meses depois da partida do avô para África, no dia 10 de agosto de 1965. Recém-casada, Ana Lúcia ficara no Brasil. Os filhos não receberam os sobrenomes do avô porque o pai deles, o escritor Maximiano Campos, temia perseguições dos militares. Quando deixou o Brasil, Arraes estava no segundo casamento. A primeira mulher, Célia Souza Leão, com quem teve oito filhos, morreu em 1961.

Com a segunda, Magdalena, teve Mariana e o caçula, Pedro, nascido na França durante o exílio. Preparado pelo avô para assumir seu espólio político, Eduardo Campos, o mais velho dos netos, fez jus às expectativas da família. Pavimentou uma brilhante carreira política, com uma eleição para deputado estadual, três para federal e dois mandatos de governador de Pernambuco. Ao sair do executivo estadual, tinha mais de 80% de aprovação da população. Ele foi também secretário da Fazenda de Pernambuco em uma das gestões do avô e ministro da Ciência e Tecnologia no primeiro governo de Luiz Inácio Lula da Silva.

Na quarta-feira 13, aos 49 anos, o herdeiro moldado por Arraes, mas que irradiava luz própria e marcava importantes diferenças com o avô, principalmente na maneira moderna de fazer política, teve sua meteórica trajetória interrompida abruptamente, quando o avião em que fazia campanha como candidato a presidente da República caiu em Santos (SP) e provocou a morte dos sete ocupantes. Na aeronave, além de Campos, estavam um de seus articuladores políticos, o ex-deputado Pedro Valadares, o assessor de imprensa, Carlos Augusto Leal Filho (conhecido como Percol), o fotógrafo Alexandre Severo Gomes, o cinegrafista Marcelo de Oliveira Lyra e os pilotos Geraldo Magela Barbosa da Cunha e Marcos Martins. Presidente do Partido Socialista Brasileiro (PSB), estava em terceiro lugar nas pesquisas de opinião, com cerca de 9% das preferências dos eleitores, atrás da presidenta Dilma Rousseff (PT) e do ex-governador de Minas Gerais Aécio Neves (PSDB).



MOMENTOS O nascimento do filho Miguel, em campanha com Marina Silva, em carreatas pelo País e no aconchego de sua casa com o filho José Henrique. Após a tragédia, a mãe, Ana (acima), e o irmão Antônio buscam forças para confortar a família

Os casamentos de Arraes, dos filhos e netos concentram alguns dos sobrenomes mais poderosos da região, como Alencar, Accioly e Souza Leão, este último muito conhecido por denominar um famoso bolo apreciado pelos pernambucanos.

Com a morte de Campos, uma das mais tradicionais famílias nordestinas teve adiado o sonho de ver um de seus representantes chegar ao Palácio do Planalto. Embora nunca se tenha candidatado a presidente, Miguel Arraes de Alencar também traçou planos para presidir o Brasil. Nascido em Araripe (CE), tinha origens na oligarquia local e deixou a região para continuar os estudos. Formou-se na Faculdade de Direito do Recife em 1937.

Entrou para o Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA) e, nesse emprego, aproximou-se dos trabalhadores rurais e do então governador Barbosa Lima Sobrinho, que mais tarde se notabilizaria como presidente da Associação Brasileira de Imprensa (ABI). Convidado por Barbosa, assumiu o cargo de secretário estadual da Fazenda em 1947. Na sequência, elegeu-se deputado estadual e, em 1959, venceu a disputa para a prefeitura da capital de Pernambuco.

Três anos depois, conquistou o governo do estado pelo PST depois de derrotar dois caciques da política local, Armando Monteiro Filho e João Cleofas. Monteiro era pai do atual candidato a governador pelo PDT, que leva o mesmo nome do pai. Nessa campanha, em uma jogada de marketing surpreendente para a época, assumiu o rótulo de "Zé Ninguém", expressão usada pelo governador Cid Sampaio, seu concunhado e ex-aliado, em referência ao fato de Arraes ter saído do interior do Ceará.



O ideário de Campos



“NÃO VAMOS DESISTIR DO BRASIL. É AQUI ONDE VAMOS CRIAR OS NOSSOS FILHOS, É AQUI ONDE NÓS TEMOS QUE CRIAR UMA SOCIEDADE MAIS JUSTA”

“NÃO SE PODE MAIS FAZER POLÍTICA COMO SE FAZIA NO SÉCULO PASSADO”

“É FUNDAMENTAL A MUDANÇA DE CULTURA. O ESTADO EXISTE PARA SERVIR A SOCIEDADE, E NÃO PARA SER SERVIDO POR ELA”

“AO LADO DE MARINA, EU QUERO REPRESENTAR O SEU SONHO E SEU DESEJO DE UM BRASIL MELHOR. É PRECISO CORAGEM PARA MUDAR”

“NÃO VAMOS RESOLVER OS PROBLEMAS DO NORDESTE SÓ COM BOLSA FAMÍLIA, MAS COM EDUCAÇÃO E INFRAESTRUTURA”

“É FUNDAMENTAL QUE O BRASIL TENHA CORAGEM DE FAZER NOVAS ESCOLHAS. NÃO É SÓ MUDAR UM PARTIDO OU UMA PESSOA, MAS AS PRIORIDADES”

No Palácio das Princesas, o mesmo ocupado pelo neto durante oito anos, quando Campos se tornou o governador mais bem avaliado do País, Arraes chamou a atenção dos brasileiros pela ousadia com que enfrentou as classes dominantes do Estado. O apoio dado às Ligas Camponesas, movimento em defesa da reforma agrária liderado pelo advogado Francisco Julião, aumentou a resistência dos coroneis acostumados a mandar no Estado. Com o lema “a terra é de quem trabalha”, Julião desafiou os coroneis que mandavam na política local.

Embora defendessem propostas semelhantes para o campo, também tinham divergências. “No fundo, Arraes sempre sonhou em ser o Getúlio Vargas do Nordeste”, dizia Julião depois da redemocratização do Brasil. Nas questões agrárias, um dos principais conselheiros de Arraes era Gregório Bezerra, histórico militante do antigo Partido Comunista. O mesmo ambiente de radicalização política predominou no Brasil durante o governo João Goulart, que tentava implantar reformas de base contra as quais se insurgiram as classes dominantes. Esse confronto fomentou as posições extremadas que provocaram reação das classes dominantes e serviram de justificativa para o golpe militar de 1964.

Preso na sede do governo no dia 1º de abril de 1964, Arraes perdeu o cargo, mas se transformou em um mito para os trabalhadores contemplados com suas políticas sociais. A imagem de “pai dos pobres” ficou no imaginário da população. O governador deposto permaneceu mais de um ano encarcerado em Recife, na ilha de Fernando de Noronha e no Rio de Janeiro. Partiu para o exílio na capital argelina em 16 de junho de 1965.



FAMÍLIA Casado com Renata e pai de cinco filhos, Eduardo teve o avô Miguel Arraes como padrinho político. Abaixo, Eduardo (no destaque), ao lado do irmão e à frente dos pais, Maximiano e Ana, e dos tios em 1979



OS ARRAES SEMPRE ESTIVERAM UNIDOS AOS SOBRENOMES MAIS PODEROSOS DA REGIÃO

Em Argel, antes mesmo de conhecer o neto Eduardo Campos, Arraes se tornou referência para centenas de brasileiros banidos pela ditadura. Muitos moraram na residência do ex-governador. Em 1970, de uma só leva, chegaram 40 banidos, muitos com suas famílias. Quem foi acolhido pela família tem boas recordações. “Vivemos nove meses em um quarto no segundo piso e fazíamos todas as refeições com os Arraes”, afirma o ex-deputado pernambucano Maurílio Ferreira Lima, que trabalhara como oficial de gabinete de Arraes no governo estadual e foi para o país africano em 1969. “Saímos de lá e fomos para um apartamento quando alguns filhos deles chegaram do Brasil para viver lá”, diz a arquiteta Ana Angélica, a mulher de Ferreira Lima. Enquanto morou em Argel, ela trabalhou para o governo local em um projeto do arquiteto Oscar Niemeyer.

Bem humorado, o ex-deputado ainda se lembra da primeira vez que viu Arraes na capital argelina. Ele e Ana Angélica subiram ao terceiro piso da casa para serem recebidos pelo ex-governador e o encontraram vestido em um robe de chambre de seda chinesa, um costume local. Ferreira Lima também se diverte quando fala dos esforços que o ex-governador fazia para não ser cumprimentado pelos argelinos, que têm a tradição de beijar cinco vezes no rosto, gesto equivalente ao abraço dos brasileiros. O constrangimento ficava ainda maior quando, durante as recepções, os homens tentavam tirar Arraes para dançar. Ele nunca aceitava, o que era mal visto pelos anfitriões.

Um arranjo familiar feito ao partirem para o exílio demonstra como a ditadura afetou Arraes, Magdalena e seus filhos. Quando deixaram o país, a então caçula Mariana tinha menos de dois anos de idade. O ex-governador não quis privá-la da convivência com os irmãos e contou com a ajuda da ex-sogra, dona Carmem Souza Leão. A mãe de Célia, a primeira mulher, prontificou-se a ficar com a filha de Magdalena, além de outros netos, que iam para a Argélia à medida que concluíam o ginásio. Mariana só reencontrou os pais quando tinha cinco anos e foi morar em Argel.

A TRAJETÓRIA DO HERDEIRO DE ARRAES

1965

No dia 10 de agosto, nasce no Recife, capital de Pernambuco, o filho de Ana Arraes e de Maximiano Campos, Eduardo Henrique Accioly Campos



1985

Eduardo Campos passa a dirigir o diretório acadêmico da Faculdade de Economia de Pernambuco (UFPE)



1986

Eduardo Campos participa ativamente da campanha do avô. Nesse ano, Miguel Arraes foi eleito governador de Pernambuco com votação recorde na região Nordeste



1994

Foi eleito com 133 mil votos para assumir uma cadeira de deputado federal na Câmara dos Deputados por Pernambuco. Em novo governo de Miguel Arraes, assumiu a Secretaria da Fazenda, considerado o cargo mais importante da gestão

1998

É reeleito deputado federal com a maior votação do Estado: um total de

173.657 votos

2004

É indicado pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva ao Ministério da Ciência e Tecnologia

2006

Com o apoio de Lula, Eduardo Campos elege-se governador de Pernambuco



1987

É convidado por Miguel Arraes a assumir a chefia de gabinete do governo de Pernambuco

1990

Assina a ficha de filiação ao PSB, partido ao qual se manteve fiel ao longo de toda a vida. No mesmo ano, elege-se deputado estadual, o que seria o seu primeiro cargo eletivo



1992

Eduardo Campos experimenta seu primeiro infortúnio como político. Candidato à Prefeitura de Recife, não consegue se eleger

2010

Eduardo Campos é reeleito governador de Pernambuco e torna-se o chefe do Executivo estadual mais bem avaliado do País



2013

Racha com o PT, depois de mais de uma década de aliança, e pavimenta sua candidatura à Presidência da República pelo PSB

2014

Consolida-se como candidato de oposição ao Palácio do Planalto. A candidatura é oficializada em 28 de junho. Em 13 de agosto, Eduardo Campos morre vítima de um acidente aéreo

As preocupações com o núcleo familiar e a predileção por sobrenomes tradicionais perduraram nas gerações seguintes. Eduardo Campos se casou ainda jovem com Renata, filha do renomado médico Ciro de Andrade Lima e sobrinha de Zélia, viúva do escritor Ariano Suassuna, que morreu no último mês de julho. As famílias de Renata e Campos eram vizinhas de Suassuna na infância e na adolescência do casal. A vocação política do primogênito de Ana Lúcia e Maximiano se tornou evidente logo que ele entrou para o curso de Economia da Universidade Federal de Pernambuco, em 1981. Eduardo Campos fez parte do diretório acadêmico da faculdade e, nessa época começou a andar com o avô. Só se separaram quando Arraes morreu, em 2005, no dia 13 de agosto, exatamente nove anos antes do trágico acidente da semana passada. Em 1982, Arraes se elegeu deputado federal pelo PMDB.

Quatro anos depois, filiado ao PSB, retornou ao Palácio das Princesas ao derrotar o candidato do PFL, José Múcio Monteiro, e levou Campos para trabalhar em seu gabinete. A estreia de Campos nas urnas se deu em 1990, quando conquistou uma cadeira na Assembleia Legislativa de Pernambuco também pelo Partido Socialista. Anos depois, elegeu-se deputado federal e foi nomeado secretário estadual da Fazenda pelo avô, mais uma vez escolhido pelos pernambucanos para governar Pernambuco. Campos ainda conquistou dois mandatos federais antes de chegar ao Palácio das Princesas. Em 2010 foi reeleito governador.

À frente do governo do Estado, Eduardo Campos marcou diferenças com o avô, seu principal padrinho político. Acostumado às velhas práticas políticas, Arraes teve destacada importância local e nacionalmente num outro contexto e momento do País. Eduardo Campos fez história em seu tempo. A gestão à frente do estado foi marcada pelos esforços em modernizar industrialmente a região. Não só conseguiu, como foi além. Criou o importante programa Pacto pela Vida, implantado em Pernambuco, que diminuiu em 60% o número de homicídios no Recife. Rapidamente, ganhou popularidade e virou referência nacional, sendo elogiado por empresários do naipe de Jorge Gerdau. Dois anos depois, em uma espécie de aquecimento para a campanha presidencial de 2014, Campos evidenciou sua força política ao garantir, com larga vantagem, a vitória de seu candidato, Geraldo Julio (PSB), no primeiro turno nas eleições pela prefeitura do Recife. Não se tratou de um feito qualquer. Com esse resultado, Campos derrotaria nada menos do que o candidato do ex-presidente Lula numa cidade do Nordeste, reduto onde o petista desfruta seus maiores índices de popularidade. O socialista conquistou 51,14% dos votos dos pouco mais de 1,1 milhão de eleitores recifenses. Aliado histórico do PT (desde 1989 o PSB apoiava as candidaturas petistas), Campos utilizou um desconhecido secretário de governo para desbancar o ex-ministro Humberto Costa, postulante indicado por Lula, que ficou apenas na terceira colocação.

Em 2013, na esteira do triunfo sobre Lula no Recife, os políticos do PSB entregaram todos os cargos no governo federal. Campos passou a criticar a presidenta Dilma Rousseff e o PT, principalmente por suas alianças com figuras nada respeitáveis da política brasileira, como o senador Renan Calheiros (PMDB). Na entrevista que deu ao Jornal Nacional, na véspera da sua morte, Campos ainda afirmou que "esse governo é o único governo que vai entregar o Brasil pior do que recebeu". Em setembro do ano passado, depois de romper com o governo Dilma Rousseff para se lançar na corrida ao Planalto, Campos recebeu um apoio inesperado. A ex-senadora Marina Silva não conseguiu o número de assinaturas necessárias para criar o partido Rede Sustentabilidade e decidiu agregar-se ao PSB. Os planos do ainda governador deram uma guinada. De um momento para outro ele passou a ter como aliada a mulher que teve 20% dos votos nas eleições presidenciais de 2010, pelo Partido Verde (PV). As bandeiras ecológicas de Marina o levaram a adaptar seu programa de governo. Apesar das divergências entre os dois grupos, principalmente nas coligações estaduais, os dois demonstravam sintonia na campanha. Com a morte de Campos, as duas legendas têm o prazo legal de dez dias para definir o novo candidato a presidente. Pelas primeiras reações, a ex-senadora tem grandes chances de ser a escolhida.



SUCESSÃO O filho João (acima, de azul) desponta como herdeiro

político. Marina tem o apoio da família para substituí-lo na chapa

O currículo consistente de Campos teve poucos arranhões em duas décadas e meia de vida pública. Assim como o avô, não construiu seu perfil associado à corrupção. Nessa linha, o pior momento aconteceu em 1997, quando o neto de Arraes foi convocado para depor na Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) que investigou a emissão irregular de precatórios (dívidas públicas decididas pela justiça). Na condição de secretário da Fazenda no governo do avô, autorizou operações que, na prática, funcionavam como uma espécie de fábrica de dinheiro para o estado. Vários estados e municípios adotaram a mesma prática, considerada um crime financeiro pela legislação nacional. Aos 31 anos, foi na condição de depoente na CPI que Campos se tornou conhecido de grande parte dos brasileiros. Mesmo pego na irregularidade, ele esnobou simpatia e conquistou os parlamentares que o interrogavam. Argumentou que, em meio às dificuldades financeiras enfrentadas por Pernambuco, era a única maneira de fazer caixa para realizar investimentos. Posteriormente, decisões tomadas pelo Supremo Tribunal Federal (STF) e pela área econômica do governo livraram Campos das acusações.

Também pesaram contra o pai e o avô acusações de nepotismo. O próprio Campos construiu sua carreira administrativa nos governos do avô. No último lance dessa prática, em 2011, ele trabalhou duramente para nomear a mãe ministra do Tribunal de Contas da União (TCU) e conseguiu que o nome de Ana Arraes fosse aprovado no Congresso. Antes da indicação para o cargo vitalício, ela se elegeu duas vezes deputada federal. Depois de muito tempo, a família ficou sem representantes na política nacional. Apesar da força que tiveram Arraes e Campos, a grande maioria dos parentes optou por outros caminhos, muitos são intelectuais ou ligados ao mundo acadêmico. Violeta Arraes, irmã do patriarca, foi reitora da Universidade Regional do Cariri, no Ceará.

Com a morte de Eduardo Campos na semana passada, a família de Miguel Arraes também perdeu o mais habilidoso de seus integrantes nas artes da política local e nacional. Sem a fama de radical do avô, ele circulava bem por todos os partidos, conhecia a fundo o Congresso Nacional e desfrutava de grande popularidade em Pernambuco, o berço do clã. Ainda sob o impacto da tragédia, seus familiares se recolheram em luto, mas emitiram sinais consistentes de que pretendem continuar em cena. De imediato, o irmão Antônio, também do PSB, declarou apoio ao nome de Marina Silva como substituta de Eduardo. Na quinta-feira 14, Antonio Campos passou a ser cotado para ocupar a vice de Marina, o que seria uma maneira de perpetuar o clã. Também foi ventilado o nome da viúva, Renata Campos. Outro a despontar como herdeiro político foi o mais velho dos cinco filhos de Eduardo Campos, João Henrique, 20 anos. Durante a semana, o primogênito divulgou um comunicado à imprensa com a promessa de que lutará pelos ideais do pai. Filiado ao PSB e militante partidário, o rapaz há alguns meses pensava em se candidatar a deputado estadual, mas desistiu, aconselhado pelo pai a terminar os estudos. Os gestos da semana passada demonstram que a tradicional família nordestina já tem engatilhado sucessores na política.

EUMANO SILVA é Jornalista e escreve esporadicamente para esta publicação. Fotos: Pedro Dias/Ag. Istoé, Aluisio Moreira/Divulgação; Divulgação; Anderson Stevens/Eleven/Ag. o Globo; André Dusek/Estadão Conteúdo; Adriano Machado, Reprodução/Facebook; Bruno Stuckert/Folhapress; Josenildo Tenório/Istoé, Newton Aguiar/estadão conteúdo; Edvaldo Rodrigues/DP/D.A Press; Alexandre Severo; Clélio Tomaz/LeiaJaImagens. **Revista ISTO É, Agosto de 2014.**

Lucas Rocha

Marina Silva e a sucessão (SÉRGIO PARDELLAS)

Com a precoce morte de Eduardo Campos, Marina Silva torna-se a candidata natural ao Palácio do Planalto pelo PSB e a eleição caminha para o segundo turno



EM AGOSTO de 2009, ISTOÉ estampava na capa a então candidata à Presidência pelo PV, Marina Silva, sob o título: Brasil não é só PT e PSDB. Desabrochava ali a esperança por uma terceira via política capaz de quebrar a polarização entre os dois partidos hegemônicos da política nacional. Cinco anos e uma eleição depois, está nas mãos de Marina e de seu novo partido, o PSB, o destino da alternativa política a petistas e tucanos. Confirmada, a ascensão de Marina à cabeça da chapa consolida a terceira via e altera os rumos da eleição presidencial. A disputa até então tinha tudo para ganhar um caráter plebiscitário cujo desfecho poderia até se dar no primeiro turno das eleições, no dia 5 de outubro. Com a candidatura de Marina pelo PSB, com possibilidades de largar com pelo menos 16% das intenções de voto (o dobro dos índices de Eduardo), as chances de segundo turno se multiplicam, já que no cenário anterior a diferença entre a primeira colocada Dilma Rousseff (PT) e a soma de todos os outros candidatos era apertadíssima.

Ao longo da semana, de maneira compreensível, políticos do PSB evitavam publicamente entabular projeções sobre o futuro. Destinatária de 20 milhões de votos, a vice Marina, como era de se esperar, adotava a mesma postura. Visivelmente abalada, desautorizou qualquer articulação sobre uma provável candidatura. Em reservado, porém, membros do partido e da coligação "Unidos para o Brasil" não conseguiam escapar do tema sucessão. Embora a solução seja menos simples do que aparenta, já que ainda será preciso pacificar as notórias diferenças entre o PSB e os apoiadores de Marina oriundos da Rede, além de azeitar os palanques regionais, até a sexta-feira 15 os socialistas convergiam para a consolidação da ex-senadora como candidata ao Planalto. Pelo raciocínio dos integrantes do PSB, mesmo que haja algumas

defecções, e elas são consideradas naturais, essa seria a única saída para evitar a implosão da aliança e consequentemente da candidatura. A despeito do constrangimento geral, coube ao único irmão de Eduardo Campos, o advogado Antonio Campos, escancarar o desejo pela candidatura da ex-ministra do Meio Ambiente. "Marina vai agregar valor à chapa presidencial e ao debate no Brasil", afirmou ele. "Se meu irmão chamou Marina para ser sua vice, com essa atitude ele externou sua vontade", acrescentou Antonio Campos, confiante de estar defendendo a posição que o ex-candidato aprovaria. "Acho que o mundo está nas mãos daqueles que têm coragem de sonhar e de correr riscos para viver seus sonhos", encerrou ele. Na quinta-feira 14, uma das alas do PSB passou a defender o nome de Antonio Campos para ocupar o posto de vice de Marina. No fim de semana, a opção seria submetida aos demais integrantes do partido. A preferência de Marina, porém, recai sobre outro nome: o da viúva Renata Campos. Para Marina, além de Renata ser familiarizada com administração pública, por ser auditora do Tribunal de Contas de Pernambuco, a inclusão dela na chapa seria uma bela jogada de marketing político.



A HERDEIRA - Abalada emocionalmente, Marina Silva evitava, na semana passada, projeções sobre o futuro político, mas sua candidatura se impõe

Na sexta-feira 15, estrategistas do PSB, o marqueteiro Diego Brandy incluído, faziam os ajustes necessários para adaptar os programas do horário eleitoral gratuito do partido à nova realidade. A propaganda na tevê começará na terça-feira 19. Para o meio político, o horário eleitoral marca o início da campanha de fato. É quando os candidatos atingem o maior contingente de eleitores.

Nesta eleição, os últimos meses que antecedem o escrutínio das urnas ganharam um novo ingrediente: na atual fase da campanha o número de indecisos supera em quase duas vezes a média das três últimas eleições (2002, 2006 e 2010). De acordo com a pesquisa ISTOE/Sensus, hoje os que ainda não sabem em quem votar somam 46 milhões de eleitores, cerca de 33% do eleitorado – contra 18% dos últimos pleitos. No PSB, a expectativa é de que Marina atraia parte expressiva desse eleitor claudicante. Acreditam que, por dialogar com os setores sociais que ocuparam as ruas do País em junho e julho de 2013, ela será capaz de encarnar o “novo” e a “mudança”, trazendo de volta à ribalta a turma dos desiludidos com a política.

Além, é claro, de ser depositária da esperança de fatia dos eleitores por “representar um herói morto”. Seria a junção, segundo palavras de um socialista, do “voto de protesto” com o “voto do luto”. Não por acaso, Eduardo Campos, morto tragicamente num acidente aéreo na quarta-feira 13, será a estrela do primeiro programa de tevê da coligação. A peça de propaganda

política trará Campos ao lado de Marina Silva, com pequenas inserções em homenagem à memória do líder socialista. A partir do dia seguinte, a lógica muda e Marina passa a ocupar o primeiro plano.



TRISTÍSSIMA Na quarta-feira 13, a presidenta Dilma Rousseff decretou luto de três dias no País e qualificou Eduardo Campos como “grande brasileiro”

Quem aparentemente mais perde com a substituição de Eduardo por Marina, o PT já refaz as contas para tentar liquidar a eleição no primeiro turno – o principal objetivo do partido desde o início da campanha. Se antes reinava o otimismo, agora os petistas são quase unânimes em afirmar que o cenário aponta para a realização da eleição em duas etapas. Para evitar a sangria de votos nesse momento de luto, os petistas decidiram entrar no clima de comoção nacional. Por isso, o marqueteiro João Santana se moveu às pressas no fim da semana para inserir nos primeiros programas de Dilma na tevê um depoimento dela e do ex-presidente Lula lamentando a morte de Eduardo Campos. Na quarta-feira 13, logo que soube da notícia, Dilma seguiu o script. Decretou luto oficial, suspendeu os eventos de campanha, se revelou “tristíssima” com o trágico acidente que tirou a vida do ex-adversário e se referiu a ele como “grande companheiro e grande brasileiro” por quem nutria muito “respeito”.



CONSTERNADO O candidato do PSDB ao Planalto, Aécio Neves, lamentou a perda do grande amigo e representante da boa política



Tal como o PT, o PSDB também avalia destacar na propaganda eleitoral a relação de amizade e comunhão de ideais entre Aécio Neves e Campos. No início da noite da quarta-feira 13, o tucano fez um pronunciamento no qual elogiou o ex-governador de Pernambuco, qualificando-o como “valoroso, um homem público especial e um grande amigo”. Para Aécio, Campos era um dos maiores representantes da boa política. De fato, apesar de estarem em trincheiras distintas, Aécio e Campos mantinham uma ótima convivência. Desde o início da campanha, não ficaram uma semana sequer sem se falar ou trocar mensagens pelo celular. No próprio PSB, já havia quem considerasse o caminho de Campos rumo à oposição sem volta. Atravessado o rubicão, seria natural o apoio a Aécio num segundo turno. Agora, entre os tucanos, o raciocínio é que, se a presença de Marina na corrida eleitoral praticamente sela o segundo turno, ao mesmo tempo corre-se o risco de a ex-senadora se consolidar em segundo lugar, deslocando Aécio para terceiro e eliminando-o da disputa. Por isso, o partido se reunirá no início desta semana para rediscutir as estratégias de campanha. Diante da perplexidade com a morte trágica de Eduardo Campos, os políticos ainda parecem tatear no escuro. No PSDB e no PT, sobram dúvidas em relação a um cenário ainda nebuloso. Em comum, entre tucanos e petistas está a convicção de que as eleições de 2014 não serão mais as mesmas.

O ÚLTIMO RETRATO ELEITORAL

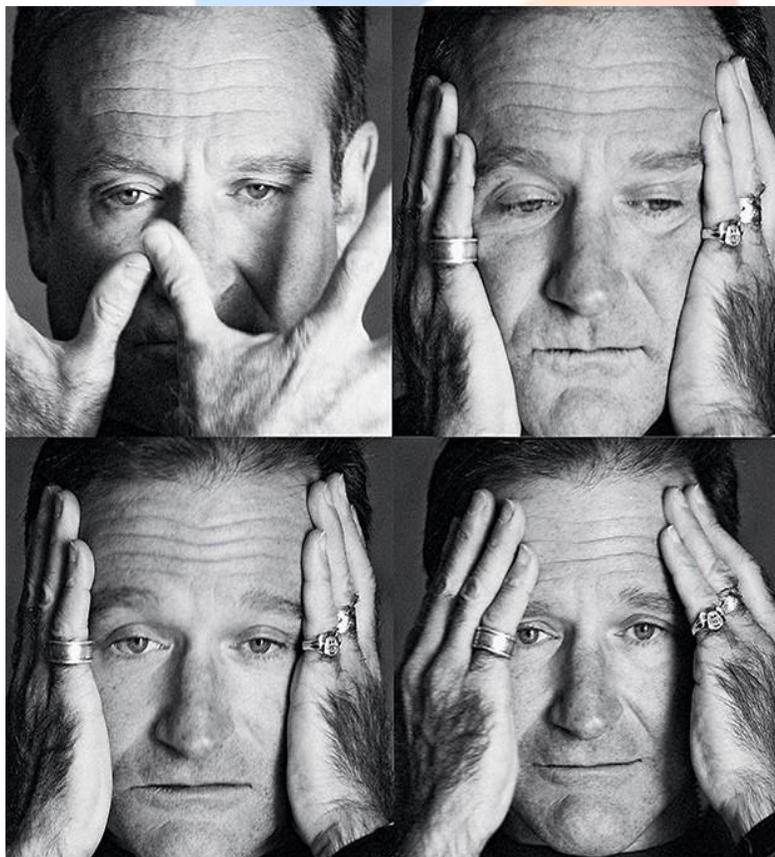
Nas campanhas eleitorais, as pesquisas são retratos da imagem dos candidatos junto aos eleitores em um determinado momento. Para Eduardo Campos, um último retrato foi revelado nos quatro dias que antecederam sua morte, na quarta-feira 13, em um acidente aéreo na cidade de Santos (SP). No período de 9 a 12 de agosto, brasileiros de 136 cidades em 14 Estados demonstraram, nas respostas dadas aos entrevistadores da pesquisa ISTOÉ/Sensus (registrada no Tribunal Superior Eleitoral sob o número BR – 00336/2014) que o apoio à candidatura de Campos havia aumentado em um ritmo um pouco mais rápido que os dos adversários Dilma Rousseff (PT) e Aécio Neves (PSDB), desde o levantamento feito há um mês. Na votação estimulada, Campos foi o escolhido por 9,2% dos entrevistados, dois pontos percentuais a mais que na enquete

anterior. Oscilou dentro da margem de erro (de 2,2%), assim como os demais candidatos, mas de forma mais significativa. Dilma subiu de 31,6% para 32,7%. Aécio saiu de 21,1% para 21,4%. O resultado – que em virtude da fatalidade deixa de ter interesse eleitoral para se tornar apenas um registro histórico – revelou o efeito de um maior conhecimento do candidato e suas propostas às vésperas também do início da propaganda gratuita na tevê.

SÉRGIO PARDELLAS é jornalista e escreve para esta publicação. Colaboraram: Claudio Dantas Sequeira, Josie Jeronimo e Ludmilla Amaral. **Revista ISTO É, Agosto de 2014.**

Os silêncios de Robin Williams (ANA MARIA BAHIANA, DE LOS ANGELES)

Nas entrevistas, a fala dele era uma tempestade de vozes, sotaques e personalidades – seguida por momentos perturbadores de vazio e calma



O MESTRE DAS MÁSCARAS - Imagens de Robin Williams feitas em Los Angeles, em 2003. Ele era um ator capaz de "sumir no personagem" (Foto: Jeff Vespa/Contour by Getty Images)

O QUE assustava em Robin Williams eram os silêncios. Eles vinham de repente, depois de uma saraivada frenética de ideias, palavras e imitações, presas umas às outras por livre associação, pontuadas por vozes diferentes, idiomas diferentes, sotaques diferentes. No tempo que daria para encher um parágrafo de texto, Williams pulava do inglês para o francês, para o alemão, para o espanhol. Transformava-se num motorista de táxi de Nova Jersey, numa garotinha de jardim de infância, num entediado crítico gastronômico, num professor de Oxford. Descrevia uma refeição memorável num bistrô de Paris, sua reação ao ver o filme *Doutor Jivago* pela primeira vez, como a dramaturgia de Brecht podia mudar a visão de mundo de um ator e como eram os bailinhos com garotas no internato só de meninos onde passara sua infância. "Eu me sentia como Quasímodo numa delicatessen."

E aí, de repente, vinham os silêncios. Williams rangia silenciosamente os dentes, a mandíbula exterior levemente estendida, o olhar perdido nalgum ponto distante além da interlocutora, além da sala, além do prédio, além. Como a visão retrospectiva é sempre perfeita, é fácil hoje definir

esse silêncio como triste, tristíssimo, desesperadamente triste. No momento, a sensação que se tinha era de susto, desconforto. Parecia que o brinquedo quebrara, que a presença da interlocutora não era mais bem-vinda, ou que algo absolutamente grave e bizarro acontecera. No começo, eu achava a sensação semelhante à breve calma que se segue a uma série de ondas grandes e violentas. Hoje, acho mais próxima da vazante extrema que anuncia um tsunami. Hoje, sei também que, nesses silêncios, vivia a coisa mais parecida com o "verdadeiro Robin Williams" que eu jamais veria.

Entrevistei Robin Williams pela primeira vez em dezembro de 1987. Estava em Los Angeles havia meros seis meses, e Robin lançava o filme *Bom dia, Vietnã*, que deflagrou sua trajetória como astro cinematográfico. Com uma bela carreira na televisão desde o final da década de 1970, Williams começara a se deslocar para a tela grande com alguns filmes – o controvertido *Popeye*, de Robert Altman (1980), *O mundo segundo Garp* (1982) e *Moscou em Nova York* (1984). Este último, dirigido por Paul Mazursky, figura essencial do cinema independente americano, pôs Williams definitivamente na mira como ator, não apenas comediante. No papel de um artista de circo russo que decide abandonar a trupe em excursão pelos Estados Unidos e ficar em Nova York, Williams, nas palavras do ilustre crítico Roger Ebert, "desaparece tão inteiramente no personagem, com tantas nuances delicadas, divertidas e complicadas, que parece inteiramente plausível que ele seja russo mesmo".

É bom lembrar que nessa época, para um ator, os mercados de televisão e cinema eram rigorosamente segregados. Fazer boa carreira num não era garantia de sucesso no outro, muito pelo contrário. Isso era ainda mais verdadeiro quando se tratava de comediantes. A geração de Williams, que inclui seu grande amigo e alma gêmea John Belushi, mais Eddie Murphy, Dan Aykroyd, Bill Murray e Tom Hanks, foi a vanguarda na derrubada dessas fronteiras.

Na época, Williams estava no meio de uma de suas melhores fases: longe da bebida e da cocaína, os dois aliados que encontrara para combater um inimigo antigo, a depressão, o perverso combustível que impulsionava seu talento para o improviso. “É muito fácil para mim ser um monte de pessoas ao mesmo tempo – isso evita ao máximo que seja eu mesmo”, ele me diria, em 2002. Ele já escorregara de volta para a bebida, depois de meses difíceis e solitários filmando *Insônia*, de Christopher Nolan, no Alasca. Em 1987, Williams se definia como “feliz, muito feliz”. “Moro numa casa pequena em San Francisco, num bairro muito interessante, cheio de rapazes (*Castro District, coração da comunidade gay*). É uma casinha muito acolhedora e muito feliz.” As visitas semanais do filho Zachary, de seu primeiro casamento – cujo nascimento fora o estopim de sua sobriedade –, e as novas ofertas de trabalho eram uma fonte de felicidade, ele me disse. “Ter um filho faz com que você saia de si mesmo, veja as coisas em sua devida proporção, faz você se sentir – sei que parece meio sentimentalóide, mas é verdade – parte da família humana.” E aí houve um silêncio.

Um astro multifacetado

Alguns dos personagens inesquecíveis vividos por Robin Williams em sua trajetória cinematográfica



← O COMUNICADOR

Bom dia, Vietnã | 1987

Em seu primeiro grande papel, Williams é um DJ que usa o rádio para animar soldados americanos no Vietnã. Foi a primeira indicação dele ao Oscar de Melhor Ator



↑ O MESTRE

Sociedade dos poetas mortos | 1989

Como professor que inspira alunos de um colégio tradicional, Williams mostrou ter talento para o drama

→ O GÊNIO DA LÂMPADA

Aladdin | 1992

É de Robin Williams a voz que dá vida ao mais carismático personagem do desenho animado da Disney. Ele voltou à dublagem em *Robôs e Happy feet*



← A BABÁ

Uma babá quase perfeita | 1993

Uma das principais comédias dos anos 1990, o filme tornou Williams uma estrela do público infantil



← O CONSELHEIRO

Gênio indomável | 1997

O papel de psicólogo de um jovem superdotado rendeu a Williams o Oscar de Melhor Ator Coadjuvante

→ O APAIXONADO

Amor além da vida | 1998

Num filme perturbador, ele vive um médico que tenta resgatar sua mulher do limbo após a morte dos dois



(Fotos: AFP (2), divulgação (3) e Everett Collection)

Voltando a todos os meus encontros com Williams, aparecem, claros, o tema recorrente – a fuga de si mesmo – e as marés de fala ininterrupta, quase uma possessão, espirais maníacas de ideias perseguindo ideias. “Se realocarmos todos os gays dos Estados Unidos para o Canadá, nunca mais teremos a cerimônia dos Tonys. Ou dos Oscars.” “O homem nasce com dois cérebros, um na cabeça e outro no pênis. Infelizmente, só dá para oxigenar um de cada vez.” “Sou tão peludo que tenho medo de que um dia o pessoal do Peta (*associação de proteção aos animais*) me atire tinta numa estreia.” Frases como essas eram seguidas, subitamente, pelo silêncio.

Houve uma estranha espécie de clareza, em agosto de 1998, quando Williams divulgava o filme *Amor além da vida*, cujo tema central é a vida após a morte. Mais especificamente, o suicídio. “Meus filhos estão naquela idade em que me perguntam muito sobre a morte, sobre morrer. Querem saber se vovô estará esperando por eles lá do outro lado, se eu estarei esperando por eles... São perguntas difíceis, e percebo que elas me obrigam a criar uma visão minha sobre o assunto. Gostaria de que existisse um lugar pacífico onde pudesse me reencontrar com meu pai, com minha mãe, com meus amigos que se foram. Um lugar onde houvesse apenas paz.”

ANA MARIA BAHIANA é Jornalista e é correspondente nos EUA desta publicação. **Revista ÉPOCA, Agosto de 2014.**

O risco dos estimulantes na infância (MICHELE MULLER)



Crianças distraídas demais estão prestes a se enquadrar em um novo distúrbio, que já está no alvo de laboratórios. Isso pode aumentar o uso já exagerado - e perigoso - de estimulantes na infância. Antes de diagnosticar uma criança com TDAH, deve-se levar em conta que muitas condições podem ter relação com seu comportamento inquieto, como problemas de visão, audição e superdotação

ESTÁ ficando difícil ser normal. Crianças entram nos consultórios pediátricos sendo agitadas, temperamentais ou desatentas e passam pela porta de saída levando alguma síndrome e a receita de uma droga. As próximas a sair da curva da normalidade, cada vez mais estreita, são aquelas que vivem com a cabeça no mundo da lua.

Há um movimento na Psiquiatria que defende a legitimação do Tempo Cognitivo Lento (*Sloppy Cognitive Tempo*), uma desordem que tem grandes chances de engrossar as páginas da futura edição do Diagnóstico de Saúde Mental (DSM). No início do ano, o *Journal of Abnormal Child Psychology*, publicação oficial da Sociedade Internacional de Pesquisas em Psicopatia Infantil, dedicou 136 páginas ao novo distúrbio, que poderia vir a disputar com o déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) o título de diagnóstico mais comum entre crianças e adolescentes.

Os defensores do novo termo alegam que muitas crianças com processamento mental mais lento são atualmente diagnosticadas com TDAH e, por isso, recebem o tratamento errado. Elas seriam apenas desatentas e letárgicas, sem trazer os sintomas da hiperatividade. Se a intenção é reduzir as taxas de uso de psicotrópicos na infância, a estratégia já deu errado: a grande parcela da população infantil que se encaixa nos sintomas do Tempo Cognitivo Lento já está no alvo dos laboratórios, que, certamente, vão encontrar uma nova fórmula para "ajudá-las".

Representantes de uma grande empresa farmacêutica, ouvidos recentemente pelo jornal *New York Times*, já declararam que a nova condição está em estudo e estão sendo buscadas alternativas que satisfaçam necessidades não supridas pelas

medicações existentes. Os laboratórios que não estão desenvolvendo nada específico, mas que trabalham com medicações para TDAH, podem se beneficiar da semelhança entre os sintomas dos dois distúrbios e, dificilmente, perderão a oportunidade de ampliar seu público, já assustadoramente grande.

OS DEFENSORES DO NOVO TERMO ALEGAM QUE MUITAS CRIANÇAS COM PROCESSAMENTO MENTAL MAIS LENTO SÃO ATUALMENTE DIAGNOSTICADAS COM TDAH E, POR ISSO, RECEBEM O TRATAMENTO ERRADO. ELAS SERIAM, APENAS, DESATENTAS E LETÁRGICAS, SEM TRAZER OS SINTOMAS DA HIPERATIVIDADE

Os dados mais recentes do CDC (sigla para Centro de Controle e Prevenção de Doenças, em inglês) apontam que 11% das crianças, entre 4 e 17 anos, foram diagnosticadas com TDAH nos estados unidos, em 2011, sendo que mais da metade fazia uso contínuo de medicação. A incidência, portanto, é bem maior do que o previsto pelo DSM, de 5%. O Brasil é o segundo maior mercado mundial de metilfenidato (Ritalina), atrás dos estados unidos.

É possível que a taxa tenha aumentado ainda mais, nos últimos meses, com a conclusão, em maio de 2013, da quinta edição do DSM, que afrouxa os critérios para avaliação do distúrbio, sugerindo que os sintomas devem ser "inconsistentes com o nível de desenvolvimento", enquanto no DSM-IV eles deveriam "ser mais frequentes e severos que os tipicamente observados em indivíduos com nível comparado de desenvolvimento". A idade limite para aparição dos sintomas foi ampliada de 7 para 12 anos, fase em que o comportamento pode sofrer alterações facilmente associadas aos sintomas de TDAH. Não faltam motivos para questionar os diagnósticos - principalmente quando envolvem medicação. Um deles é a incidência de TDAH muito maior entre crianças nascidas no fim do calendário escolar. Pesquisadores da *British Columbia University* analisaram, em 2012, dados de 900 mil crianças canadenses e concluíram que o índice de consumo de estimulantes, tipo Ritalina, era 77% maior entre as meninas e 41% entre os meninos mais novos da sala. Isso torna evidente que grande parte dos estudantes das séries iniciais estão tomando remédios por serem, simplesmente, mais imaturos do que seus colegas.

Ainda passam pela peneira do distúrbio uma quantidade imensurável de crianças temperamentais e agitadas, que não são, devidamente, disciplinadas pelos pais. "Muitas vezes, os pais perdem a confiança em sua autoridade moral e tentam impor regras confusas e contraditórias. Especialmente, quando são informados por 'especialistas' que há uma desordem biológica com o filho e, portanto, os esforços para melhorar sua autoridade sobre a criança seriam em vão", avalia o psiquiatra americano Peter R. Breggin, em seu livro *Medication Madness* (não editado no Brasil). Membro da Associação Americana de Psiquiatria e fundador do Centro Internacional para o estudo da psiquiatria e psicologia, Breggin é autor de diversos livros e estudos, que colocam em questão o efeito dos psicotrópicos.

Ele aconselha o desenvolvimento de um programa disciplinar paralelo à retirada gradual da medicação. Com quatro décadas de experiência clínica, o médico afirma, com segurança, que todos os seus pacientes se saíram melhor sem as drogas. "Enquanto os pais trabalham sua relação com o filho, a própria criança aprende a se autodisciplinar. Mas ela jamais poderá fazer isso, enquanto acreditar que tem um distúrbio e que necessita de remédios", destaca.

CAUSAS E TRATAMENTOS

A partir de neuroimagens de 234 crianças com TDAH, um estudo de 2012, publicado no jornal *Biological Psychiatry*, sugeriu atraso no desenvolvimento de áreas do córtex pré-frontal, responsável pela modulação do controle social. Essa conclusão se soma a outras especulações - desde pouco oxigênio na hora do parto, até desequilíbrio no sistema dopaminérgico - que buscam comprovação biológica do distúrbio.



Insônia e ansiedade são efeitos colaterais comuns dos estimulantes para crianças. Muitas vezes, esses problemas são contornados com outras drogas psicotrópicas.

POR SER ABSORVIDO MAIS LENTAMENTE NA CORRENTE SANGUÍNEA QUE DROGAS ILEGAIS, OS EFEITOS COLATERAIS DOS ESTIMULANTES USADOS PARA TDAH SÃO, APARENTEMENTE, MENOS SEVEROS

Oficialmente, o que temos por enquanto é que "cientistas não estão certos sobre o que causa TDAH, embora muitos estudos sugiram que há uma grande contribuição genética. Como outras condições neurológicas, provavelmente resulta de uma combinação de fatores. Pesquisadores estão buscando possíveis fatores ambientais". A declaração do instituto nacional de saúde mental Americano (NIMH) reflete as incertezas sobre as quais se formam o diagnóstico, tão controverso e suscetível a erros.

Fundador do Centro de diagnóstico e desenvolvimento, em Chicago, e membro da academia americana de neurologia, o neurologista Richard Saul defende uma nova forma de olhar o TDAH: como um produto de uma condição primária e não como um distúrbio isolado. Saul trabalha há cerca de 50 anos com crianças que apresentam sintomas de hiperatividade e déficit de atenção.

Com experiência de quem tratou milhares de pacientes, ele afirma que, em nenhum caso que atendeu até hoje, o diagnóstico era independente de outra condição. E quando esta outra condição é investigada e devidamente tratada, os sintomas de TDAH tendem a desaparecer. Em muitos casos, o que para outros médicos é comorbidade, para ele é a causa.

O neurologista listou 20 condições associadas ao comportamento típico de TDAH: de superdotação e problemas de visão e audição até síndromes, geralmente, mais debilitantes, como a do alcoolismo fetal. Problemas oculares estariam, segundo ele, entre as mais simples e mais ignoradas explicações para comportamentos confundidos com TDAH em crianças. Deve-se investigar, ainda, possível falta de sono, falta de ferro na alimentação, dislexia, epilepsia, hipertireoidismo, transtorno obsessivo-compulsivo, síndrome de Tourette e distúrbio bipolar, para citar os principais.

Assim como o diagnóstico, o tratamento com estimulantes é bastante controverso. Não há como questionar os efeitos milagrosos do metilfenidato (Ritalina e Concerta) em crianças "incontroláveis" e desfocadas. Essa droga, que o DEA (*Drug Enforcement Administration*) coloca na mesma categoria da cocaína, por agir de forma semelhante no cérebro, de fato ajuda o paciente a focar em tarefas monótonas e repetitivas, o que pode ser uma bênção para pais e professores. Isso acontece, apenas, enquanto a criança está sob o efeito da medicação. Como um *band-aid*, a droga não trata, apenas mascara o problema até o efeito passar. E o preço para isso pode ser muito alto.

Por ser absorvido mais lentamente na corrente sanguínea que drogas ilegais, os efeitos colaterais dos estimulantes usados para TDAH são, aparentemente, menos severos. Assim como a cocaína, os estimulantes alteram o nível de neurotransmissores no cérebro, elevando a atividade de dopamina e noradrenalina. Depois de algum tempo de uso, o cérebro ajusta sua produção natural desses químicos às alterações provocadas pelo medicamento, causando tolerância e possível dependência.



Estimulantes não tratam nenhum distúrbio, apenas mascaram o problema durante algumas horas

A tolerância é compensada com doses maiores e, muitas vezes, associadas a um segundo psicotrópico com ação antidepressiva ou ansiolítica, para minimizar os efeitos de ansiedade, depressão e humor apático, que, comumente, acompanham o uso de estimulantes. E a química do cérebro em desenvolvimento da criança é bagunçada por um coquetel diário de drogas.

Para acompanhar esses efeitos comuns da ação do metilfenidato, outros problemas físicos e psiquiátricos costumam aparecer, como perda de apetite, letargia, insônia, perda de peso, supressão no crescimento, hipertensão, alterações de humor, paranoia, episódios psicóticos e alucinações. Na maior parte dos casos, a apatia ou "efeito zumbi" - decorrência de curto prazo mais comum do uso do medicamento - é sutil. Mas, algumas vezes, transforma-se em depressão severa, com risco de suicídio entre adolescentes.

ASSIM COMO A COCAÍNA, OS ESTIMULANTES ALTERAM O NÍVEL DE NEUROTRANSMISSORES NO CÉREBRO, ELEVANDO A ATIVIDADE DE DOPAMINA E NORADRENALINA

De acordo com Robert Whitaker, em seu premiado livro investigativo *Anatomy of An Epidemic* (não editado no Brasil), a relação do uso de anfetaminas e desenvolvimento de psicoses é apontada, por muitos psiquiatras, como uma das evidências de que a esquizofrenia estaria relacionada a um nível alto de dopamina no cérebro. Em 2006, depois de receber mil registros reportando psicoses induzidas por estimulantes para TDAH, o FDA (*Food And Drug Administration*) lançou um relatório sobre esse risco. De acordo com a entidade, os pacientes

não apresentavam riscos identificáveis, comprovando a origem iatrogênica do problema. sabe-se que esses relatórios representam apenas 1% do número de efeitos registrados nos consultórios, o que demonstra que não se tratam de episódios raros. "Quando a condição da criança começa a deteriorar, os médicos quase nunca atribuem a piora ao efeito da droga e, sim, aumentam a dose e receitam novas medicações", lamenta Breggin.

A investigação de comportamentos, que causam prejuízos funcionais para a criança ou adolescente, não pode se restringir a uma rápida consulta onde é feito o check-list dos sintomas de TDAH que o DSM oficializou. E se a busca por uma melhora precisa, de fato, passar pela farmácia, é fundamental conhecer todos os riscos relacionados a uma solução química e de curto prazo.

MICHELE MULLER é jornalista, escreve para esta publicação - com especialização em Neurociência Cognitiva - e autora do blog: <http://neurocienciasesaude.blogspot.com.br>. **Revista PSIQUE, Agosto de 2014.**

Mortes de Robin Williams e Fausto Fanti revelam o quanto a depressão é subestimada (FLÁVIA MILHORANCE)

Estima-se que a pessoa que sofreu alguma crise depressiva tem 50% de chances de ter a segunda



Mulher fotografa imagem de Robin Williams no muro de Belgrado, na Sérvia. Ator adorado em diversos países foi encontrado morto na terça-feira nos EUA - MARKO DJURICA / REUTERS

O ATOR do riso fácil, aquela figura frenética, cheia de trejeitos hilários, adorado por gerações, que encarnou tipos antológicos em "Uma babá quase perfeita" e "Bom dia, Vietnã", esse personagem da vida real foi fatalmente fígado pela depressão. A notícia da morte do ator Robin Williams, que cometeu suicídio na última terça-feira, aos 63 anos, deixou o mundo, no mínimo, confuso: "mas, afinal, como pôde? Por quê?" Embora esteja presente no jargão popular, a depressão é ainda pouco compreendida pela maioria, dizem especialistas. Outro humorista, o brasileiro Fausto Fanti, do grupo Hermes & Renato, foi igualmente vítima recente desta que é uma doença — não uma simples tristeza — e que pode afetar qualquer um.

A informação sobre a depressão de Williams foi divulgada apenas após a sua morte. Um de seus amigos, o comediante Bob Zmuda, disse que o ator escondia a doença através da comédia. Mas ela era grave e completava algumas décadas, segundo familiares. Além de situações da vida, ou seja, os fatores ambientais, a herança genética também influencia a sua ocorrência. Por isso, estima-se que uma pessoa que sofreu algum episódio de depressão tem 50% de chance de ter o segundo; se foram dois, a propensão para um terceiro sobe para 70%; e se chegou a três, há 90% de probabilidade de ocorrer uma quarta crise. — É possível se curar da depressão. Ter uma crise e nunca voltar a ter outra. Mas estas pessoas que abriram esta porta precisarão ficar vigilantes para o resto da vida — comentou o psiquiatra Flávio Alheira, do Serviço de Psiquiatria e Psicologia Médica do hospital da UFRJ e coordenador da residência médica da psiquiatria na universidade. — O tratamento pode evitar que uma depressão leve se torne severa. É uma doença que pode ser grave e levar à morte, por isso é preciso ter muita atenção a ela.

MAIORIA NÃO RECEBE TRATAMENTO

Hoje, no entanto, a maioria dos que sofrem depressão não recebe tratamento. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), são seis a cada dez na América Latina que não procuram ou não conseguem qualquer suporte. Mas e no caso de Williams, a quem não faltava consciência ou recursos para tratar-se?

— Não sei a história clínica do ator, mas mesmo uma pessoa que tenha infraestrutura para ter o melhor tratamento às vezes tem dificuldade de aderir a ele, nega a doença, se recusa a ser internado quando há necessidade, não tem apoio da família — exemplifica Alheira. — E ainda há um enorme tabu com a depressão. Daí surgem aquelas frases do tipo: “isso é preguiça”, “falta força de vontade”.

Para o professor de psiquiatria da UFRJ e pesquisador do Instituto D’Or de Pesquisa e Ensino, Paulo Mattos, este estigma vem de uma certa banalização do termo. — A depressão é uma doença, não é uma simples tristeza. É normal ficar triste quando alguém querido morre, quando um relacionamento termina. A tristeza faz parte — explica. — Mas hoje é comum dizer que está deprimido e tomar medicamento sem necessidade.

Ao contrário da tristeza, há alterações químicas cerebrais no caso da depressão. Mesmo assim, o diagnóstico da doença ainda é clínico, ou seja, é o médico que avalia o quadro a partir dos sintomas. Dois deles são os principais: a tristeza, de fato, precisa estar presente; e a ausência de prazer para qualquer atividade, mesmo aquelas que antes deixavam a pessoa feliz. Outros sinais, como insônia, diminuição do desejo sexual e compulsão alimentar estão entre eles; e, além disso, o histórico familiar da pessoa.

— Por mais que se busque, pesquisadores ainda não conseguiram identificar marcadores biológicos que estejam associados com a depressão. Aliás, no ramo da psiquiatria, a única doença que começamos a conseguir traçar estes biomarcadores é o mal de Alzheimer. Por isso é difícil prever quem tem maior risco ou ter algum exame para ele — comenta Mattos. O luto, por exemplo, pode ter sintomas semelhantes ao de uma depressão. A diferença, explica Alheira, é a duração: entre três a seis meses, a pessoa começa a se recuperar. No caso da doença, eles são mais duradouros. E, às vezes, sem motivo aparente. Também não escolhe idade, nem classe social. Mas há, sim, alguns padrões: pessoas solitárias, sejam solteiros ou viúvos, têm maiores chances de desenvolver o problema; mulheres também são mais propensas. Em média, 20% delas e 13% deles terão depressão em algum momento da vida.

Além disso, alcoolismo e abuso de drogas aumentam esse risco de depressão, assim como o de suicídio. Cerca de dois terços de todas as pessoas que cometem suicídio têm depressão ou alcoolismo. E um em cada três que sofrem de depressão também têm problemas com abusos dessas substâncias. Portar doenças neurológicas, como as demências e o mal de Parkinson, é outro fator de risco.

O ator se internou diversas vezes em clínicas de reabilitação nos últimos 20 anos para lutar contra o alcoolismo e o abuso de drogas, como a cocaína. A última delas, em julho. Ontem, a viúva de Williams, Susan Schneider, chegou a afirmar que ele tinha recebido recentemente a notícia de que estava na fase inicial do Parkinson.

CRIATIVOS SERIAM MAIS PROPENSOS

Vários pesquisadores acreditam que os mais criativos são, também, os mais afetados pelo distúrbio. Simon Kyaga, do Instituto Karolinska, mostrou em 2012 que aqueles em profissões criativas tinham mais chances de, além de depressão, sofrer de outros transtornos psiquiátricos, como ansiedade e bipolaridade. Portanto, atores, escritores, cientistas, artistas estariam neste “seleto” e “romântico” grupo, relação sobre a qual não se tem consenso entre especialistas.

— Não existe esta comprovação. A única relação entre atividade profissional e distúrbio psiquiátrico que se tem descrita é o caso de bailarinas e modelos com o transtorno alimentar — garante Alheira.

De maneira geral, segundo a OMS há 350 milhões de casos no mundo. A média é de 5% na população da América Latina, mas a incidência pode superar os 10% em algumas regiões. E esta, de acordo com o órgão, está entre as principais causas de incapacidade e perda de qualidade de vida na população. Uma pesquisa da Mayo Clinic concluiu que entre 2% a 9% dos deprimidos chegam ao suicídio, embora outras estatísticas estabeleçam níveis ainda maiores.

Uma vez livre da crise depressiva, a pessoa precisa ficar atenta aos seus sinais no futuro e evitar possíveis gatilhos, por exemplo o álcool. A atividade física é comprovadamente benéfica contra o mal, assim como ter boas noites de sono, controlar o estresse, a alimentação, manter vida social e buscar os tais momentos felizes. O tipo de tratamento vai depender da gravidade da depressão, e pode incluir a associação de psicoterapia e medicamentos.

Menos conhecida é a eletroconvulsoterapia, mas segundo Alheira por preconceito (“Açam que é igual a choque elétrico”) e preço (R\$ 1000 por sessão, de um mínimo de oito sessões). Grande parte dos remédios surgiu nos anos 1950; novos vieram depois, mas, garante Alheira, a eficácia de todos gira em torno de 60%. Há poucos avanços nessa área. Para o futuro, espera-se a chegada da estimulação magnética, hoje em estudo, já que seus resultados ainda não foram os mais promissores.

FLÁVIA MILHORANCE é Jornalista e escreve para este Jornal. **Jornal O GLOBO, Agosto de 2014.**

O impasse conservador (LUIZ FELIPE PONDÉ)

A PERGUNTA que toda pessoa de sensibilidade conservadora se deve fazer hoje é: "conservar o quê?", uma vez que o mundo de Edmund Burke (século 18), pai do pensamento "liberal-conservativo", não existe mais.

O americano Russel Kirk (século 20) se faz pergunta semelhante em sua obra. O mundo americano em que ele vivia, Mecosta, no estado de Michigan, sua pequena cidade, recolhida num paraíso longe da "rat race", também não existe mais. Ou, se existe, não suportaria o impacto de milhões de pessoas querendo viver assim. Ao final, uma vida "recolhida" como esta acaba por ser um artigo de luxo num mundo em que o comum é a "rat race". Tampouco a religião é solução.

Se acompanharmos Kirk, por exemplo, na sua defesa do "espírito conservador", veremos que ele entende o "contrato social" conservador como sendo o seguinte: "a sociedade é uma comunidade de almas que reúne os mortos, os vivos e os que ainda não nasceram", segundo Burke, claro. Pessoalmente, não conheço forma mais poética de ver a vida social e histórica, e olha que já li, como diz um amigo meu jornalista, uns dois livros na minha vida.

Temo que esta linda imagem tenha perdido validade porque ela supõe outra ideia: a de que exista uma misteriosa sabedoria na heterogênea experiência humana (Kirk pensa assim), e que esta misteriosa sabedoria está "depositada" na continuidade quase inconsciente da vida. Ser? Temo que seja impossível qualquer "misteriosa heterogeneidade" num mundo como o nosso, afogado no corre-corre utilitarista e narcisista sempre igual. Não vejo retorno possível. Além disso, o estrago causado pela vida moderna e sua tagarelice digital acaba por nos fazer questionar se há mesmo uma sabedoria na história ou no "povo".

Pelo contrário, e aqui sigo outro autor de sensibilidade conservadora, Nelson Rodrigues (século 20), o mundo moderno deu a vitória aos "idiotas". Acrescentaria, "tagarelas", fazendo uso de uma imagem de outro autor de sensibilidade conservadora, Alexis de Tocqueville (século 19). Talvez o único argumento possível a favor ainda de alguma sabedoria fosse defender a ideia que a experiência pré-histórica (a violência que sempre retorna) em algum momento se imponha e nos cure dos delírios contemporâneos. Mas aí o remédio seria demasiado amargo, não sei se vale a pena.

Por outro lado, a ideia de "hábito", tão afeita a Michael Oakeshott (século 20), se perdeu, uma vez que os hábitos hoje são todos submetidos à lógica da desqualificação do passado. Mesmo a "espontaneidade" de Friedrich Hayek (século 20) não tem mais lugar num mundo que não crê mais na liberdade e autonomia, e prefere a mediocridade da igualdade imposta. Isaiah Berlin (século 20), e sua defesa da "liberdade negativa" ("live and let live"), me parece também inviável no mundo em que vivemos, no qual, os mecanismos de controle da vida pelo Estado e pelo mercado assumem proporções antes impensáveis.

A ideia de que o Estado "nos deixe em paz" é inviável porque, associado ao mercado e seus mecanismos de produção de riqueza, sem os quais não sobrevivemos num mundo com bilhões de pessoas (muitas delas da tribo descrita pelo Nelson), não há saída a não ser racionalizando cada vez mais a vida cotidiana. Nós mesmos pedimos o controle para que a vida seja segura e "tiremos férias seguras". O simples fato que optamos pela "felicidade" compreendida como otimização da vida (os utilitaristas como Jeremy Bentham e John Stuart Mill do século 19 venceram) implica um impasse: como resistir ao desejo por um "mundo melhor" pensado como uma sociedade "parque temático" de indivíduos que consomem matéria e espírito ao sabor da moda?

Todavia, não aceito as utopias da esquerda que continuam a prometer uma saída mentindo sobre o custo dela: o autoritarismo centralizado do Estado ou o populismo dos "idiotas" do Nelson mobilizados. Esconder-se na natureza tampouco é possível: todo lugar tem IPTU. Resta-nos, talvez, a companhia de românticos como Friedrich Nietzsche (século 19) ou Albert Camus (século 20): diante do absurdo, mal-estar e revolta.

LUIZ FELIPE PONDÉ é filósofo, escritor e ensaísta, doutor pela USP, pós-doutorado em epistemologia pela Universidade de Tel Aviv, professor da PUC-SP e da Faap, discute temas como comportamento contemporâneo, religião, niilismo, ciência. Autor de vários títulos, entre eles, 'Contra um mundo melhor' (Ed. LeYa). ponde.folha@uol.com.br. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Agosto de 2014.**

'Tempo integral louco' (ROSELY SAYÃO)

TEMOS falado das "novas famílias" com bastante frequência, não é? Sempre que o tema é família, seja em reportagens, seja em conversas a respeito da educação de crianças e de jovens, as novas configurações familiares são tema central das discussões. Ocorre que, quase sempre que nos referimos aos novos arranjos dos grupos familiares que temos na atualidade, consideramos os novos desenhos: em lugar da antes hegemônica estrutura pai-mãe-filhos, hoje temos uma grande diversidade de grupos que compõem as famílias e que são produzidos principalmente pelos rompimentos de casamentos e pelos recasamentos.

Mas não é a apenas a estrutura familiar que se diversificou: o modo como os integrantes da família se relacionam entre si, e a maneira como as funções da mãe e do pai têm sido inovadas também produzem novas famílias, mesmo que elas sigam o modelo clássico pai-mãe-filhos. Li, na semana passada, um artigo em uma revista dedicada ao mundo dos negócios que trouxe uma notícia bem interessante: o diretor executivo de uma empresa importante no mercado decidiu abandonar seu cargo para se aproximar mais de sua família - principalmente dos filhos - e tornar-se um pai melhor. Com filhos de

nove, 12 e 14 anos, esse homem escolheu priorizar seu papel de pai. Claro que ele não abriu mão de seu trabalho: abdicou apenas do cargo que ocupava, que exigia demais dele. Ele continua a "trabalhar em tempo integral, mas não mais em tempo integral louco", segundo suas próprias palavras.

No ano passado, fui convidada a dar uma palestra em um grande evento dedicado à área de gestão de negócios, para conversar sobre a busca de equilíbrio entre a vida profissional e a familiar. Duvidei que tivesse plateia interessada, mas qual não foi meu espanto ao chegar e ver o local lotado, majoritariamente por homens. Foi a primeira vez que falei a um grupo masculino em quase sua totalidade, porque a educação dos filhos ainda tem sido tarefa mais feminina, não é?

Esses dados me fazem pensar que alguns homens que são pais têm se comprometido de modo diferente com os filhos. Talvez esse ainda seja um movimento tímido, mas certamente indica uma mudança que deve ser considerada principalmente pelas empresas, que têm exigido de altos funcionários a dedicação de "um tempo integral louco", e esquecido que esses homens têm famílias e filhos e que gostariam de se dedicar mais a eles.

E o que vem a ser esse "tempo integral louco"? Ah! Quem trabalha em grandes empresas e corporações sabe muito bem disso. Além do horário dedicado ao trabalho na empresa, há o correio eletrônico com mensagens que exigem respostas imediatas, há o aparelho celular com chamadas e mensagens de texto e ainda há grupos da empresa que se falam dia e noite por meio de aplicativos de mensagens instantâneas. Loucura mesmo!

Caso as empresas não aceitem o fato de que precisam aliviar a carga de trabalho dos homens, elas correm o risco de perder importantes talentos de seu quadro, que foi o que ocorreu com o diretor executivo citado anteriormente.

Muitos homens têm feito o que não víamos há algum tempo: eles têm sacrificado um pouco suas vidas em nome dos filhos. E não me refiro ao sacrifício de trabalhar mais para dar mais potencial de consumo às crianças, e sim para dar prioridade a elas.

ROSELY SAYÃO é psicóloga e consultora em educação, fala sobre as principais dificuldades vividas pela família e pela escola no ato de educar e dialoga sobre o dia-a-dia dessa relação. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Agosto de 2014.**

Negociação avança no Judiciário (MARCOS DA COSTA)

NESTE ano, atingiremos 100 milhões de processos em tramitação no país, de acordo com estimativas do Conselho Nacional de Justiça, com 23 milhões dessas ações concentradas em São Paulo. Diante da dimensão da litigância brasileira, urge reduzir o tempo de tramitação processual e buscar novas formas alternativas de solução de conflito, já que os métodos tradicionais não estão conseguindo dar respostas adequadas à demanda, em constante crescimento.

Com a Constituição de 1988, o acesso à Justiça foi ampliado e facilitado para o cidadão, mas a demora nessa prestação jurisdicional, que deveria propiciar respostas rápidas às lides trazidas ao Judiciário, vem resultando em danos aos litigantes e em descrédito à Justiça. A estrutura do Poder Judiciário, inclusive pela forte demanda do poder público - praticamente a metade dos processos em tramitação em São Paulo é de execuções fiscais -, não está conseguindo realizar, por todos os meios e mecanismos, a sua função principal: distribuir a Justiça e garantir o direito.

Em contrapartida, vem cristalizando-se uma forte tendência para a mitigação do processo. Várias iniciativas do Judiciário, do Executivo, do Legislativo e da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) buscam reduzir a litigância pela via da conciliação. É um momento de mudança de paradigma tão profundo quanto vem sendo a alteração do processo físico para o eletrônico. Seguem esse caminho o texto do novo Código de Processo Civil e muitos projetos, como o Cejusc (Centro Judiciário de Solução de Conflitos e Cidadania), na Justiça estadual, e o Necrim (Núcleo Especial Criminal), nas delegacias de polícia, para delitos de menor poder ofensivo.

Nesse contexto, a OAB apresenta sua contribuição, expandindo o projeto OAB-Concilia --uma modalidade que une Judiciário, Ministério Público e advocacia para oferecer um acordo negociado e homologado pela Justiça em 48 horas, com média de 80% de sucesso. Todas essas iniciativas extrajudiciais visam fortalecer a conciliação, a mediação e a negociação, antes da opção pelo processo. Dois pontos, contudo, podem fazer a diferença nesse desafio, e ambos passam pela advocacia. O primeiro está ligado à cultura da autocomposição das partes litigantes. Como ninguém pode ser obrigado a utilizar qualquer dessas vias de negociação, cabe principalmente ao advogado demonstrar para a sociedade que essa modalidade de solução de litígios é positiva.

Em segundo lugar, para chegar à pacificação de um determinado conflito, é fundamental que tenhamos um equilíbrio na relação processual, que só o advogado pode assegurar. Na tentativa de viabilizar soluções extrajudiciais mais rápidas, temos visto conciliações serem concretizadas sobre direitos indisponíveis, especialmente em direito de família, sem a presença do advogado, o que fere o princípio da legalidade e pode implicar em pena de nulidade.

A defesa da presença obrigatória do advogado na conciliação e na mediação quer assegurar às partes acesso a um suporte técnico-jurídico e, portanto, garantir a observância de seus direitos e garantias. Somente tendo uma resposta rápida e eficiente para seus problemas legais, o povo brasileiro alcançará a segurança jurídica, que está na base do Estado democrático de Direito.

MARCOS DA COSTA, 50, advogado, é presidente da OAB-SP (Ordem dos Advogados do Brasil, seção de São Paulo). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Agosto de 2014.**

Os pais e a escola (CONTARDO CALLIGARIS)

ALGUÉM, na burocracia da Educação Nacional francesa, já atribuiu notas boas a meus desenhos, tanto de tema livre (mais "artísticos") como figurativos (uma banana, uma laranja, uma maçã ou, mais difícil, uma alcachofra). De qualquer jeito, não tenho do que me gabar. As notas foram decididas pensando que o autor dos desenhos fosse meu filho, que na época tinha dez anos.

Não havia outro jeito. A mãe de meu filho, de quem eu tinha me separado, aceitara que ele morasse um ano no Brasil comigo, mas à condição que ele não interrompesse sua escolaridade francesa. Em Porto Alegre, onde eu morava, isso só era possível se ele fosse escolarizado por correspondência. A cada sexta-feira, chegava da França um temível envelope da Educação Nacional, com todo o necessário para cumprir o programa escolar da semana. A dose de lições de casa era assustadora e inesgotável. Durante um ano, fiz lição de casa com meu filho. No domingo acontecia a arrancada final, pois o envelope das lições feitas devia imperativamente sair pelo correio na segunda: a gente trabalhava até as primeiras horas da madrugada, quando eu me encarregava dos desenhos de artes, enquanto ele completava o resto.

1) A quantidade de lições era insensata; 2) Estudar por correspondência era insensato, porque a escola deveria servir para estudar, mas também para socializar as crianças; 3) Eu fazer parte das lições dele (não só de artes) era insensato. Apesar disso, num tributo ao espírito da pedagogia contemporânea, pela qual é bom que os pais se envolvam quanto mais possível na escolaridade dos filhos, eu imaginava que nossa "colaboração" criaria uma grande motivação futura.

Hoje, enfim, dá para afirmar que eu estava errado. Foi publicado em 2013 "The Broken Compass: Parental Involvement with Children Education" (a bússola quebrada: envolvimento dos pais na educação das crianças - Harvard University Press), em que os autores, K. Robinson e A. L. Harris, sociólogos, verificaram a eficácia (ou não) do envolvimento dos pais nos estudos dos filhos. Eles estabeleceram 63 critérios para medir o envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos e procuraram os efeitos desse envolvimento ao longo de três décadas. Pois bem, eles chegaram à conclusão que quase todo envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos é sem efeito, quando não tem efeito negativo.

Se você ajuda as crianças a fazer a lição de casa, isso vai melhorar temporariamente as notas, mas, a médio e longo prazo, isso não melhorará a performance escolar dos seus rebentos. Apenas satisfaremos nossa vontade imediata de ver notas melhores nos cadernos de nossos filhos. Se você sacrifica seu fim de semana para estar na escola, vendendo cupcakes na festa junina porque ouviu dizer que o envolvimento dos pais na vida da escola é um grande motivador para as crianças, saiba que, realmente, não é preciso. Claro, sou parcial (não gosto de cupcakes e não gosto de festa junina), mas está provado que esse tipo de envolvimento dos pais não tem efeito constatável.

Diga-se o mesmo para as reuniões trimestrais com cada professor de nossas crianças, matéria por matéria: você pode ir, mas quando der, ok? Robinson e Harris, em suma, sugerem que voltemos à antiga separação de casa e escola, as quais não precisam compartilhar problemas num excesso de fala sobre a criança. Desde os anos 1970, acreditamos que uma aliança escola-família seja boa para a performance escolar dos nossos filhos. Descobre-se que, às vezes, é bom que a criança possa descansar dos pais quando está na escola - e descansar da escola quando está em casa.

O que se salva da ideologia da aliança casa-escola? Robinson e Harris acham que três coisas, principalmente, têm efeito positivo: 1) o valor que os pais atribuem à educação, 2) sua capacidade de conversar com os filhos sobre o futuro deles, 3) a leitura em voz alta com os pequenos. O engraçado é que são coisas que os pais fazem em casa, com filhos e filhas - coisas, em suma, que não pedem nenhuma aliança especial entre a casa e a escola.

(Uma entrevista com K. Robinson: migre.me/kYZpH).

CONTARDO CALLIGARIS, italiano, é psicanalista, doutor em psicologia clínica e escritor. Ensinou Estudos Culturais na New School de NY e foi professor de antropologia médica na Universidade da Califórnia em Berkeley. Reflete sobre cultura, modernidade e as aventuras do espírito contemporâneo (patológicas e ordinárias). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Agosto de 2014.**

Não desistiremos, Eduardo (CRISTOVAM BUARQUE)

A PRIMEIRA notícia foi a de que os ventos de agosto derrubaram o avião que levava Eduardo Campos e outras seis pessoas, apagaram a chama de uma esperança para o futuro e espalharam perdas pelo Brasil. A primeira perda foi familiar. A dor da mãe, da avó, da mulher, dos filhos, do irmão e dos parentes de Eduardo. Para estes não é preciso tinta escrita, só lágrimas.

A segunda perda é dos amigos e conhecidos. Era impossível estar junto de Eduardo e não ter uma razão para deslumbrar-se com sua simpatia e suas histórias sobre a cultura nordestina e a vida política. Ao saber da notícia de sua morte, quem o conheceu sentiu um vazio pessoal, sem contar sua liderança política. Ele era um líder político, e a terceira perda é a da esperança que representava para seu povo, sua pátria. Eduardo carregava a esperança de uma alternativa à polarização que domina a política brasileira nas últimas décadas. Mesmo reconhecendo qualidades no PT e no PSDB, ele conseguia ser diferente dos dois blocos que dominam a política nacional.

Era a alternativa viável à mesmice da política atual, em que a discordância ideológica foi substituída pela raiva mútua que impede a capacidade de dialogar. Era capaz de conversar com todos os lados, sem perder a firmeza de suas posições. Como dissera o poeta Ferreira Gullar sobre Gregório Bezerra, "era feito de ferro e de flor". A quarta perda é a da chance de

mudança nos rumos do país para atender ao desejo coletivo por uma alternativa que supere o esgotamento da democracia sem ética; o sistema de transferência de renda que não transforma o modelo excludente; uma estabilidade monetária claudicante; um crescimento econômico interrompido.

Sem propor rupturas, Eduardo defendia uma inflexão no rumo do Brasil para consolidar as bases da estabilidade monetária; utilizar a educação integral como porta de saída para os beneficiados pelo Bolsa Família; e criar os instrumentos necessários para retomar o crescimento de uma economia moderna baseada no conhecimento científico e tecnológico. Ele era firme e radical em seu compromisso com uma reforma política, capaz de robustecer nossa degradada democracia.

A quinta perda é a do exemplo, da coerência sem intransigência e da coragem de servir a um projeto político e dele se afastar quando percebeu que o modelo perdeu seu vigor transformador, abandonou seus princípios e deixou de atender aos anseios da nação que pede mudanças. A sexta perda é do futuro. Já sentimos perdas com as mortes de vários líderes: Getúlio Vargas, Leonel Brizola, Tancredo Neves, Miguel Arraes, Ulysses Guimarães --mas eram líderes que já tinham dado a contribuição que o país esperava deles. Aos 49 anos, Eduardo estava começando a saltar do que fez por Pernambuco para fazer para o Brasil inteiro. Adiante estava o futuro, dele e do país.

A sétima perda é eleitoral. O nome de Eduardo Campos não estará nas urnas, e isso fará uma dramática diferença nas expectativas de milhões de eleitores que viam nele o candidato da novidade, da reforma política, da afirmação da República sobre os partidos, do tratamento do patrimônio público comprometido com o povo, o Estado e a nação; da construção de um modelo econômico sem exclusão; que esperavam dele utilizar todos os recursos federais necessários para fazer a revolução na educação que o país adia há séculos.

Fica, porém, o legado e a chama que um vento de agosto não é capaz de apagar. Até porque, na véspera da sua morte, as últimas palavras públicas de Eduardo foram: "Não desistam do Brasil".

CRISTOVAM BUARQUE, 70, é senador pelo PDT-DF e professor da Universidade de Brasília. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO**, Agosto de 2014.

A indústria da testosterona (CRISTIANE SEGATTO)



Homens e mulheres adotam a reposição do hormônio masculino como se ele fosse o novo elixir da juventude. Saiba se você precisa disso

O Beijo, de Gustav Klimt. Quanto mais sexo uma pessoa faz, mais testosterona ela produz naturalmente (Foto: Reprodução)

É CADA vez mais difícil sair de um consultório sem a prescrição de um, dois ou três remédios. Você não tem sintoma algum ou apenas queixas difusas como cansaço, estresse, noites mal dormidas – mais ou menos como 100% das pessoas que trabalham. Procura o médico só para saber se está tudo bem e fazer aquele checkup básico. Isso não é cuidar da saúde?

Seria se os princípios da medicina não tivessem sido tão desvirtuados nas últimas décadas. Em vez de zelar pela saúde, ela tem se ocupado de vender doença. É uma praga mundial. Nos Estados Unidos, os críticos das relações inadequadas entre a indústria farmacêutica e boa parte dos médicos chamam essa prática de *disease-mongering*. É o velho truque de criar problema para vender solução.

Tudo começa com o pedido exagerado de exames (*overtesting*, em inglês). É uma batelada tão grande e desnecessária que algum parâmetro minimamente fora do padrão o médico vai encontrar. Quem procura acha, não é mesmo? Isso já aconteceu comigo mais de uma vez. Tive a sensação de quem leva um carro em bom estado para uma revisão preventiva e volta para casa arrasado, achando que é dono de uma lata velha.

O que fiz? Desconfiei do desfile de representantes da indústria farmacêutica na sala de espera, pesquisei a coerência da indicação dos remédios e, para não fazer besteira, consultei meu médico de confiança. Ele me tranquilizou e me fez ver que nenhuma daquelas alterações era relevante. Voltei para casa sem doença imaginária e sem um rombo na carteira.

A prescrição de remédios para corrigir desvios do padrão que não necessariamente provocam ou vão provocar doença é conhecida, em inglês, como *overtreatment*. É o terceiro flagelo que afeta os pacientes de classe média alta – aqueles que têm acesso à medicina, mas não exatamente à saúde.

Um bom exemplo disso é a indústria da testosterona, tema da provocativa reportagem de capa da **Revista TIME** da semana passada. O mercado do hormônio masculino movimentou US\$ 2 bilhões nos EUA. As prescrições cresceram de 2,9 milhões em 2007 para 7,5 milhões em 2013. No Brasil, a tendência é a mesma. Segundo a Anvisa, as vendas de produtos que contêm testosterona (em cápsula ou injetável) aumentaram 55% entre 2004 e 2012. Isso sem contar o gel de testosterona produzido por farmácias de manipulação. Essa é uma indústria construída sobre a insegurança provocada pela consciência da passagem do tempo.

Desde que o mundo é mundo, homens e mulheres fazem loucuras para conservar a beleza e a energia da juventude. Na Roma Antiga, impotência sexual se combatia com alho-poró e água de aspargos cozidos. Coentro fresco misturado com alho e vinho era considerado o melhor dos afrodisíacos. Na Idade Média, o frade e filósofo alemão Albertus Magnus fez fama com uma receita que prometia devolver aos homens desesperados a rigidez dos bons tempos. O segredo era assar o pênis de um lobo, cortá-lo em pedaços pequenos e mastigar devagarinho. Na sociedade pós-Viagra, garantir as ereções já não basta. Os homens querem uma solução mágica capaz de promover uma revigorada geral. Um combo de vitalidade, disposição, bom humor, músculos, barriga chapada... O elixir da juventude é um desejo ancestral que a indústria se preparou para atender. No século XXI, ele se chama reposição de testosterona.

Essa terapia só é aprovada pelas agências que controlam medicamentos (FDA, nos Estados Unidos e Anvisa, no Brasil) para o tratamento de homens que não conseguem produzir testosterona naturalmente e, por isso, sofrem de doenças como depressão, perda de massa óssea, perda de libido, disfunção erétil, alterações cardiovasculares. Nesses casos, a reposição hormonal é muito importante. A grande maioria da população masculina não precisa disso. A andropausa, queda na produção de testosterona depois dos 50 anos, é considerada uma doença que afeta de 5 a 10% dos homens. Enquanto a menopausa é uma alteração fisiológica, um fenômeno natural pelo qual todas as mulheres passam, a andropausa é patológica. É doença, de fato. Como tal, precisa ser tratada.

Os outros 90% dos homens chegam à velhice produzindo testosterona, com a libido preservada e sem nenhum sintoma de andropausa. Mesmo que tenham dificuldades de ereção (Viagra e assemelhados estão aí para isso), desejarão a mulher do vizinho até o último suspiro. Se apenas um pequeno grupo de pacientes precisa fazer reposição hormonal, o que explica o boom da testosterona que o Brasil e outros países vivem? Ele é explicado por outra prática corriqueira da indústria farmacêutica: a de promover medicamentos para usos ou públicos para os quais eles não são aprovados. Olhe à sua volta e veja quantos quarentões trabalham demais, dormem pouco, são sedentários e reclamam da vida sexual. Se eles forem submetidos a uma dosagem de testosterona no sangue provavelmente descobrirão que os níveis do hormônio estão no limite do que é considerado normal ou, talvez, um pouco abaixo dele. É provável que saiam do consultório com uma prescrição de testosterona, mesmo sem ter sintoma de doença.

Isso é tratamento desnecessário. "Quando o homem tem uma pequena alteração nos níveis de testosterona no sangue e nenhum sintoma não se deve prescrever a reposição hormonal", diz o urologista Daher Chade, do Hospital Sírio-Libanês e do Instituto do Câncer do Estado de São Paulo. "A conduta recomendada é apenas aguardar para ver se surge algum sintoma". O problema da maioria dos quarentões mal cuidados não é incapacidade de produzir testosterona – e sim estilo de vida errado. Recentemente, uma publicação da Universidade Harvard dedicada à saúde masculina lançou a questão: "Você já pensou em outras razões que possam estar provocando fadiga, queda da libido e outros problemas?". E concluiu: "Você tem uma alimentação nutritiva? Faz atividade física regularmente? Dorme bem? Cuide disso tudo antes de procurar a reposição hormonal".

Quanto mais sexo uma pessoa faz, mais testosterona ela produz naturalmente. Conserte a vida, vá para casa mais cedo, faça mais sexo e dê uma chance para a natureza. O mesmo vale para as mulheres. Nos últimos anos, virou moda entre os ginecologistas brasileiros prescrever gel de testosterona também para elas. O esquema é o mesmo: pedem a dosagem do hormônio, verificam que ele está no limite e já indicam a farmácia de manipulação de "confiança". Mesmo que a paciente não tenha queixa alguma, prometem um "up" na libido, músculos torneados, barriga chapada, energia e disposição. E, quase sempre, arrematam com o argumento que, para algumas mulheres, pode ser arrebatador. Para outras, é assustador. "Viu como a paciente que saiu daqui agora está bem?". E aí você se lembra de ter visto uma mulher de 60 anos, espremida numa minissaia e, aparentemente, com uma enorme dificuldade de aceitar que a juventude passou.

Cada um vive como bem entende, mas é desejável que toda escolha seja baseada em informação e consciência dos riscos. O uso de testosterona por mulheres não é aprovado pelas autoridades sanitárias. A exceção é o uso hospitalar, quando a paciente sofre de graves alterações metabólicas. "Não faz sentido prescrever testosterona para mulheres", diz o médico Chade. "Se a mulher produz pouca testosterona e opta pela reposição, a produção natural do hormônio vai diminuir ainda mais se ela interromper o uso do produto", afirma. Mulheres que usam gel de testosterona costumam relatar que se sentem mais dispostas, bonitas, com menos gordura corporal e mais energia sexual. Ajudam a propagar a reposição e a movimentar uma indústria bilionária.

Os riscos não são desprezíveis. Eles envolvem virilização. As mulheres podem ter acne, aparecimento de pelos no rosto, engrossamento da voz, crescimento do clitóris, queda de cabelo, retenção hídrica (que provoca inchaço) e alterações de comportamento, como aumento da agressividade. Se a dose for muito elevada, aumenta o risco de trombose, hepatite, aparecimento de cistos e tumores no fígado, entre outros problemas. Vale a pena?

No início do ano, a FDA anunciou o início de uma revisão dos dados de segurança da reposição de testosterona em homens. A decisão foi motivada por vários estudos segundo os quais certos homens correm risco mais elevado de ter infarto

e derrame se fizerem reposição hormonal. E também por dezenas de processos judiciais de consumidores que alegam ter sofrido danos por causa da testosterona.

Alguns meses depois, a agência exigiu que os fabricantes alertassem os pacientes sobre o aumento do risco de possíveis coágulos nas veias. Em setembro, uma comissão de especialistas convocada pela agência discutirá as evidências disponíveis sobre benefícios e riscos da reposição. Muita discussão vem por aí. Enquanto isso, prefiro a sábia provocação lançada por muitos dos médicos que são mais que meros prescritores de medicamentos. "Você tem saúde para tanto remédio?".

CRISTIANE SEGATTO é Repórter especial, faz parte da equipe de ÉPOCA desde o lançamento da revista, em 1998. Escreve sobre medicina há 17 anos e ganhou mais de 10 prêmios nacionais e internacionais de jornalismo. **Revista ÉPOCA, Agosto de 2014.**

O Brasil está preparado para enfrentar o ebola? NÃO

As incertezas da epidemia (ESPER GEORGES KALLÁS)

A NATUREZA continuamente nos apresenta novos desafios. Ao longo da história, os humanos enfrentaram germes com grande frequência, com maior ou menor impacto. A tuberculose e o HIV, por exemplo, mudaram hábitos e construíram o mundo de hoje. A epidemia do vírus ebola é mais um caso.

Embora o ebola tenha sido identificado em 1976, diferentes tipos do vírus vivem há muito tempo em várias espécies de morcegos na África e na Ásia. O avanço da população na vida selvagem, contudo, fez com que o vírus fosse transmitido para humanos em diversas ocasiões, um encontro que tem sido desastroso. Com capacidade de ser transmitido pelo contato, o ebola provoca uma doença que inflama o organismo, afeta o controle dos líquidos corporais, pode provocar sangramentos e levar à morte uma grande proporção dos infectados.

As condições no oeste da África são socialmente precárias em várias regiões e a população tem difícil acesso à saúde e limitada infraestrutura. A Libéria, por exemplo, usa menos energia elétrica em um ano que Nova York em uma hora. Foi a associação Médicos Sem Fronteiras que se esforçou em enviar uma missão para prestar socorro frente a uma situação que se transformou em tragédia humanitária. Ninguém sabe se a transmissão inter-humana do vírus é capaz de sustentar uma epidemia em países com melhores condições sanitárias.

Há cerca de uma década, um outro vírus também veio de morcegos. O agente causador da pneumonia asiática, também conhecida como SARS (Severe Acute Respiratory Syndrome), era muito mais fácil de ser transmitido que o ebola. Causou mais de 8.200 casos de pneumonia e quase 800 mortes em várias regiões do mundo, entre 2002 e 2003. Ações de vários governos, da Organização Mundial da Saúde (OMS) e de autoridades em saúde auxiliaram na contenção da epidemia, até que ela se esgotou.

O risco de o ebola chegar ao Brasil ainda é remoto, mas possível. É imperativo que exista um plano de ação coordenado, num país grande e populoso como o nosso. A circunscrição da transmissão ao primeiro caso, ou a poucos casos iniciais, é a chance mais preciosa para evitar uma epidemia como experimentam Guiné, Serra Leoa e Libéria. Autoridades de saúde brasileiras lançaram um plano de combate e estão trabalhando na sua implementação, diante de um quadro de transmissão do ebola no país.

A dúvida é se estamos preparados para enfrentar, no Brasil, uma epidemia da doença causada pelo ebola. Na minha opinião, nenhum país está preparado, caso a doença se espalhe em maior escala. Não sabemos ainda qual magnitude a transmissão e a proporção de casos graves poderia atingir. No Brasil, a epidemia de gripe em 2009 e os diversos surtos de dengue nas diferentes regiões do país expõem um sistema de saúde que ainda está em estruturação e pode ficar sobrecarregado em situações epidêmicas.

Precisamos reconhecer a necessidade do investimento em pesquisa, priorizar a vigilância e a notificação de doenças que são ou podem se transformar em uma epidemia e criar novas formas de monitorar agentes com o potencial de fazer o que o ebola provocou.

Precisamos rastrear casos suspeitos nas principais vias de entrada do país, como aeroportos internacionais, portos e pontos de grande migração em fronteiras. Os prontos-socorros e os serviços de saúde devem conhecer os sintomas da doença e ter os meios suficientes para rastrear casos suspeitos e fazer o diagnóstico com rapidez.

Precisamos de profissionais treinados e distribuídos em locais estratégicos do país para cuidar dos doentes e colocá-los em isolamento. Só um investimento maior e duradouro em todos os níveis da saúde pode melhorar o combate de epidemias que já temos e as que virão.

ESPER GEORGES KALLÁS, 48, médico, é infectologista e professor da Faculdade de Medicina da USP. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Agosto de 2014.**

O Brasil está preparado para enfrentar o ebola? SIM

Como o país se preparou (JARBAS BARBOSA DA SILVA JÚNIOR)

O VÍRUS ebola produz uma doença muito grave, com letalidade que pode alcançar até 90%. Um surto típico inicia-se quando uma pessoa entra em contato com a carne crua, sangue ou secreções de um animal infectado. A partir desse primeiro caso, pessoas que tenham contato direto com seu sangue ou outros fluidos corporais, bem como objetos ou superfícies contaminadas, podem ser infectadas, passando a alimentar uma cadeia de transmissão.

O Brasil está preparado para detectar e responder, de maneira rápida e eficaz, à eventual situação de um viajante vindo do exterior com a doença, única possibilidade real de lidarmos com o ebola. As características dessa doença não apontam como factível a ocorrência de surtos no Brasil, ou em outros países fora do continente africano. Além disso, o Brasil vem fortalecendo sua preparação para detecção e resposta às emergências de saúde pública, utilizando as mais modernas estratégias e tecnologias disponíveis e as lições aprendidas com emergências reais, como a pandemia da gripe H1N1 de 2009.

Dispomos de um Plano de Preparação e Resposta para Emergências de Saúde Pública - que vem sendo utilizado, na vida real, para o monitoramento dos grandes eventos de massa que tivemos em 2013 (Copa das Confederações) e 2014 (Copa do Mundo) e no atual momento. Ativamos o Centro de Operações de Emergências em Saúde, para acompanhar, com informações fidedignas prestadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), a situação epidemiológica do surto. Isso nos permite realizar cuidadosa avaliação de risco e adotar as medidas adequadas à proteção do nosso país.

Atualizamos e divulgamos as orientações técnicas, procedimentos e normas para as duas possibilidades de casos em viajantes internacionais: alguém que adoecce durante a viagem ou que realize a viagem no período de incubação do vírus. O Brasil dispõe de hospitais de referência para atender a um eventual caso importado, em condições seguras. Além disso, temos laboratórios capazes de realizar exames de confirmação de casos. Dispomos também de pessoal capacitado em distintas áreas - desde o correto gerenciamento de situações de crise ao acondicionamento seguro de materiais biológicos de alto risco, como é o caso do ebola.

Estar preparado não significa baixar a guarda. Em situações como esta, a primeira regra da boa preparação é continuar alerta, avaliando a situação real e adotando todas as medidas adequadas a cada momento. O surto atual - que produziu, desde dezembro de 2013, 2.127 casos e 1.145 mortes - apresenta uma duração maior, se comparado a epidemias anteriores. Isso é consequência da dificuldade que países da África ocidental possuem para implantar as medidas básicas, capazes de impedir a transmissão.

Tal situação levou a OMS a declarar emergência de saúde pública mundial, medida que tem como finalidade passar a clara mensagem de que os países afetados, sem ajuda internacional, não conseguirão conter a epidemia. O Brasil atendeu ao apelo, enviando a esses países 15 toneladas de medicamentos e de materiais médicos, além de doar recursos na ordem de R\$ 1 milhão. A medida humanitária é a melhor maneira de proteger não apenas o Brasil como também outros países contra a ameaça do ebola. Ou seja, a ideia é conter rapidamente o surto em sua fonte, para eliminar a possibilidade de exportação de casos.

JARBAS BARBOSA DA SILVA JÚNIOR, 57, médico epidemiologista, é secretário de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Agosto de 2014.**

Lucas Rocha